

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

CAPÍTULO 2..... 9

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE
FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE
(MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

CAPÍTULO 3..... 23

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

CAPÍTULO 4..... 35

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti

Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

CAPÍTULO 5..... 48

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS
MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

CAPÍTULO 6..... 54

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA
CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN
HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino

Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

CAPÍTULO 7..... 69

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES
ANALFABETAS

Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

CAPÍTULO 8..... 79

POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?

Fátima Maria de Lima
Osmar Oliveira de Moura
Patrícia Fonseca Dias Miranda
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038>

CAPÍTULO 9..... 86

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO

Elenson Gleison de Souza Medeiros
Rafaelly Cristina Santos da Silva
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira
Cyntia Santos Rolim
Valber Luiz Farias Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039>

CAPÍTULO 10..... 98

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Melissa Salinas Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310>

CAPÍTULO 11 109

LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA

Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311>

CAPÍTULO 12..... 120

VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018

Elisa Aparecida Gomes de Souza
Franciéle Marabotti Costa Leite
Gracielle Pampollim
Gabriela Ravete Cavalcante
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fábio Lúcio Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312>

CAPÍTULO 13..... 133

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE

FEMINICÍDIO

Ionara da Silva Soares
Bruna Thairla Soares Salazar
Marcia Juliana Barbosa da Silva
Mariana Monteiro Freitas
Marcia Regina Pereira Bilio
Pedro de Sousa Vieira
Wayla Kelly de Lima Martins
Rayane Silva Magalhaes Costeira
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

CAPÍTULO 14..... 142

PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Jaiani Vitor da Silva
Djane Alves Victor
Alexsandra Felipe de Andrade
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

CAPÍTULO 15..... 154

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO

Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

CAPÍTULO 16..... 164

PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

CAPÍTULO 17..... 176

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

CAPÍTULO 18..... 190

DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

Andréia dos Santos Felisbino Gomes
Viviani Massad Aguiar
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

CAPÍTULO 19.....	213
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO

Data de aceite: 01/02/2022

Nathália Matoso de Vasconcelos

Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense, Especialista em Transtornos Alimentares pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz. Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz (Bolsista CAPES)

RESUMO: Este artigo surge a partir do meu interesse pelo tema na clínica com pacientes obesos desde 2011 e através dos estudos durante a especialização em transtornos alimentares e no mestrado e doutorado em Saúde Pública. O artigo teve como objetivo revisar a literatura existente, através de livros, teses, dissertações e artigos, que descreve o estigma social relacionado ao peso corporal, com a especificidade das mulheres gordas/obesas. O estudo identificou que o estigma da mulher obesa sobressai ao do homem por se constituir na História do corpo das mulheres e aponta para novas formas de pensar estes corpos, para além do peso do estigma e da patologização. O artigo traz a relevância de uma abordagem social da obesidade, ao considerar as influências dos dados relacionados à cultura, meio ambiente, trabalho, aspectos emocionais e trajetórias particulares de vida. Reconhecer o crescimento da obesidade no mundo como fenômeno social é incluir, justamente, a multiplicidade e complexidade que

fazem parte do nosso mundo. Minha lente nesta pesquisa sobre o estigma, gênero e relações de trabalho me possibilitou enxergar a obesidade por um olhar não culpabilizador, ampliando responsabilidades para diferentes campos e saberes.

PALAVRAS-CHAVE: peso corporal, obesidade, estigma social, discriminação, mulheres.

A REVIEW ABOUT THE WOMEN'S OBESE STIGMA: THE OVERWEIGHT ON FAT BODIES

ABSTRACT: This article arises from my interest in the topic in the clinic with obese patients since 2011 and through studies during specialization in eating disorders and in the master's and doctorate in Public Health. The objective of this article was to review the literature through books, thesis, dissertations and articles that describe the social stigma related to body weight, with a focus on women's obese. This study points that the stigma of women obese stands out in comparison to the stigma of men, considering the history of women's body, and aims at new ways to think this body, going beyond the stigma and pathologization. This article brings the relevance of an obesity social approach as it considers the influence of the data related to culture, environment, work, emotional aspects and the peculiarities of each individual life. To recognize the growth of obesity in the world as a social phenomenon is to include, precisely, the multiplicity and complexity that are part of our world. My lens in this research on stigma, gender, and work relations has enabled me to see obesity through a non-blaming look, broadening responsibilities to different fields and

knowledge.

KEYWORDS: Body Weight , Obesity , Social Stigma, Discrimination, women.

“Mas a verdade é Eu nunca posso ser eu.”

(tradução livre, Amsterdam e Eck, 2019, p. 311)

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde(2021), a obesidade é um dos maiores problemas de saúde pública do mundo. Em 2016, mais de 1,9 bilhão de adultos no mundo, com 18 anos ou mais, apresentavam excesso de peso. Destes, mais de 650 milhões eram obesos. Em 2016, 39% dos adultos com 18 anos ou mais (39% dos homens e 40% das mulheres) apresentavam excesso de peso. No geral, cerca de 13% da população adulta do mundo (11% dos homens e 15% das mulheres) eram obesos em 2016. A prevalência mundial da obesidade quase triplicou entre 1975 e 2016.

No Brasil, a obesidade vem crescendo cada vez mais, conforme a pesquisa Vigitel 2019, realizada pelo Ministério da Saúde. A frequência de excesso de peso foi de 55,4%, e de obesidade 20, 3%, na população adulta. A obesidade cresceu entre as mulheres de 12,1%, em 2006 para 21,0%, em 2019 e entre os homens teve um aumento de 11,4% para 19,5% neste mesmo intervalo de tempo.

Compreendo a obesidade como um fenômeno social (Felippe, 2004; Dias et al., 2017, Poulain, 2013), a partir do olhar para a complexidade desse objeto de estudo, para além das práticas biomédicas que se constroem a partir do binômio normal/patológico (Canguilhem, 1995; Bezerra Jr, 2006). O peso do corpo traz consigo uma teia de relações de poder, atravessadas pelos interesses políticos e econômicos (Campos et al., 2006; Figueiredo,2009). Se a obesidade segue em crescimento e se torna um fenômeno social, proponho um olhar para os diferentes modos de vida em sociedade, para a História e as transformações vividas.

Ao considerar a particularidade de cada mulher, faço a escolha de nomeá-las também como mulheres gordas ao longo do artigo, por nem sempre assumirem o caráter patológico da obesidade. Desta forma, assumo a perspectiva de Canguilhem(1995), enquanto dever ético, pautada no conceito de normatividade, ao considerar o modo como cada sujeito responde com elasticidade e vigor às demandas da vida.

O objetivo deste artigo é propor algumas considerações teóricas sobre o estigma da mulher obesa a partir de uma perspectiva sócio-histórica do tema, sendo subdividido nos seguintes tópicos: (1) corpo, gênero e estigma social, (2)o peso do estigma nas mulheres gordas.

As inquietações para o desenvolvimento do artigo envolvem as relações entre a obesidade, a leitura reducionista do campo biomédico e a leitura feminista de exploração e invisibilidade do corpo da mulher ao longo da História, no intuito de refletir sobre as interlocuções entre os diferentes campos apresentados. Sem a pretensão de esgotar minhas inquietações neste artigo e reconhecendo a complexidade da construção deste objeto de estudo, trato da importância epidemiológica da obesidade, dos conceitos de corpo, gênero e estigma para, a partir destes, construir uma análise dos artigos que envolvem a temática específica.

CORPO, GÊNERO E ESTIGMA SOCIAL

O corpo é um fundamental símbolo social, que deve ser entendido e analisado para tornar perceptível fenômenos que marcam as sociedades. Sobre o modo como o corpo se constitui historicamente, Foucault(1984) propunha uma análise dos jogos de verdade, nos quais o homem está inserido e atravessado por tais verdades em todo momento: “uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o corpo se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado”(Foucault, 1984, p.11). Se trato da obesidade e suas relações com gênero, é importante trazer aspectos da construção social do corpo feminino.

A identidade do corpo feminino é associada à tríade beleza-saúde-juventude, onde “Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física.” (Del Priore, 2000, p.79). Com isto, a função estética do corpo ganha centralidade na contemporaneidade.

O corpo, sob as novas pressões estéticas, aparece não apenas submetido à dominação dos médicos, maridos e chefes. A sociedade patriarcal amplia o controle social dos corpos através do apelo midiático, com o fortalecimento dos padrões de beleza vigentes: “Não há prisão mais violenta do que aquela que não nos permite mudar. Que nos bombardeia com imagens da eterna juventude, nos doutrinando a negar as mudanças.” (Del Priore, 2000, p.99).

Sobre os corpos femininos, Bordo (1997) descreveu os corpos como disciplinados e normatizados pelos discursos incidentes, menos voltados para o social e mais para a automodificação. Para a autora, os mecanismos de controle social pela via da opressão de gênero são os que constroem as concepções de normalidade e desvio na sociedade.

A partir dos estudos feministas, o conceito de gênero surgiu como um imperativo para contrapor-se à argumentação de que homens e mulheres são distintos biologicamente e que a relação entre ambos e suas desigualdades sociais decorrem, e são justificadas, por essa distinção.

Com isso, a compreensão de gênero se dá para além das características sexuais, “mas pela forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino

em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.” (LOURO,1997, p.21).

O campo do social sustenta o debate do aspecto relacional e histórico do conceito de gênero, como as formas de representação da sociedade e como se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos. Kergoat (2009) também trouxe um novo conceito importante para o debate das relações de poder e dominação, o de “consustancialidade”, sobre o qual traz o caráter transversal das relações sociais de sexo e coloca estas como “consustanciais”: “considerar apenas o elo de dominação entre homem-mulher e as lutas contra ele é insuficiente para tornar inteligíveis a diversidade e a complexidade das práticas sociais masculinas e femininas” (Kergoat, 2009, p. 73). Logo, a complexidade das relações sociais de sexo se sobressai ao considerarmos os tempos distintos em que as mudanças podem se dar, pelas diferentes categorias sociais imbricadas no processo de transformação da vida ao longo da história.

Para pensar o estigma social, compartilho a perspectiva de Goffman (1980), na qual os indivíduos com obesidade aparecem como aqueles de uma certa categoria que não deveriam apenas apoiar uma norma, mas também cumpri-la. Sendo assim, os indivíduos obesos são vistos socialmente como transgressores à regra social, seja de beleza, seja de saúde. Como aqueles que não se enquadram naquilo que se espera de um indivíduo equilibrado e com o corpo apto para produzir.

Poulain(2013) referiu o estigma como um efeito de descrédito sobre o indivíduo que sofre a discriminação. Chamou a atenção para a aceitação do estigma pelo indivíduo que sofre, levando a assumir um lugar de culpado, ao invés de vítima do preconceito social.

Fischler (1995) destacou, semelhantemente, o lugar em que o sujeito obeso é colocado, seja no discurso social ou científico: “vítima ou culpado”? O autor dá sinais do quanto a ciência, pode contribuir para a manutenção do imaginário social em torno do obeso ser o transgressor das regras de divisão social.

Sendo assim, para apaziguamento do peso do estigma em uma sociedade que privilegia corpos magros e exclui os diferentes, além da necessidade urgente de construção de políticas públicas para proteção desses indivíduos, uma indicação, de acordo com Goffman (1980), são os lugares privilegiados dos grupos existentes em função de um estigma comum, por revelarem-se com uma “atmosfera de sabor especial”, onde “o indivíduo estará à vontade entre seus companheiros. ” E para sustentar a perspectiva social deste trabalho, Maffesoli (1987) abordou a importância do corpo individual ser tratado através do corpo coletivo, desta forma, a ajuda mútua entre os indivíduos pode atuar como fortalecedora da saúde do grupo.

A militância seria uma forma de “chamar a atenção para a situação de seus iguais, consolidando uma imagem pública de sua diferença como uma coisa real” (Goffman, 1980, p.125). É possível observar essa resposta nos movimentos sociais atuais de luta por (re) existências dos coletivos de pessoas gordas. (Neves e Mendonça,2014; Movimento Corpo Livre, 2021; Jimenez ,2018).

Ao trazer as abordagens de corpo, gênero e estigma, reafirmo o compromisso ético da ciência sobre o valor da vida humana e suas diferentes formas de existência, é preciso ir além de impor exigências para “normar” existências(Canguilhem, 1995, p.211). Uma abordagem social, que considere a obesidade em toda a sua complexidade e que abra caminhos para promoção de outras saídas para a vida da mulheres gordas se faz mais do que necessária.

O PESO DO ESTIGMA NAS MULHERES GORDAS

Sobre uma leitura feminista do excesso de peso nas mulheres, Orbach (1978), descreveu uma dupla angústia das mulheres gordas: sentem-se desajustadas socialmente e acreditam ser as únicas culpadas por isso. Para a autora, a gordura não é apenas um mal social, mas centralizou a discussão em torno da gordura como uma questão feminista. Traz uma leitura da limitação dos papéis sociais designados à mulher na sociedade patriarcal como sendo um desvio de sua energia para o cuidado dos outros: a tensão do “dar de si e não receber”(Orbach, 1978, p.29). Assim, propôs que os tratamentos para mulheres com excesso de peso considerassem as desigualdades nas relações sociais de sexo.

A experiência do ser gorda é abordada de diferentes formas nos estudos, porém aspectos semelhantes sobressaem na literatura. Os significados de conviver com a obesidade são associados aos sentimentos de preconceito, desânimo, inadequação social, insegurança, fuga social e dificuldades relacionais. Assim como, as dificuldades para a realização de atividades inerentes aos hábitos de vida, devido ao excesso de peso ou ainda às patologias associadas(Santos, Pasquali e Marcon, 2012).

As relações sociais de trabalho são atravessadas pelo estigma social de peso, como descrevem alguns estudos, com destaque maior ao sofrimento de nutricionistas obesas pela “obesidade não ser compatível com a atuação prescritora e normatizadora dos corpos do nutricionista”. Algumas condições de sofrimento foram descritas como “estranhamento do corpo, exclusão social, estratégias de defesa na relação profissional-paciente e o corpo obeso como cárcere”(Araújo, Pena e Freitas, 2015, p.2787).

Destacou-se uma carga de estigma social ampliada sobre a nutricionista obesa pelo peso do olhar estético do outro, ao sofrer as pressões sociais para manter o padrão corporal antropométrico considerado normal, com isso, associa-se a representação da obesidade como doença que incapacita para o trabalho. A obesidade passa a gerar dúvidas quanto a capacidade técnica das mulheres gordas. O estigma é descrito como fator de exclusão social, que pode levar à deterioração da sua identidade social. (Araújo et al., 2015).

Uma das hipóteses que trago, com base nos artigos, para a baixa adesão de pacientes obesos aos tratamentos propostos é a responsabilização do paciente obeso pelos fracassos nas tentativas de emagrecimento, o que pode apontar para os limites da abordagem biomédica no tratamento da obesidade. Tais questões apontam para uma

abordagem não reducionista da obesidade, que auxilie no debate das construções sociais relacionadas ao corpo, como as crenças, os valores de cada época e os estigmas.

Em conformidade com os artigos citados, há uma associação do corpo ao cárcere, o que aponta para o quanto o estigma que o indivíduo obeso sofre pode ser mais prejudicial do que a suposta doença/fatores de risco em si. Segundo os dados apresentados por Araújo, Pena e Freitas(2015), os sujeitos obesos constroem metáforas, como o “corpo como prisão”, que anunciam o peso simbólico do ser obeso.

A ideia da formalidade ser mais favorável às mulheres quando a contratação tende a ser de forma *blind(às cegas)*, de acordo com Lavinias, Cordilha e Cruz, (2016), é reforçada em Araújo et al.(2015), quando aparece nas narrativas de algumas entrevistadas a importância da isonomia do concurso nas instituições públicas como possibilidade de não perpetuar a estigmatização dos corpos gordos.

Amsterdam e Eck(2019) abordaram o modo como as funcionárias gordas sentem o estigma relacionado ao peso no trabalho e, pela via dos poemas, permitiram que as emoções presentes nas entrevistas se tornassem uma declaração política em relação à prática discriminatória relacionadas ao peso corporal nas organizações. Desta forma, as autoras trouxeram a condenação dos corpos gordos no contexto do trabalho como mais rígida para as funcionárias e apontaram para as relações de poder subjacentes ao estigma da gordura.

Ao pensar nas instituições contratantes inseridas na lógica capitalista de produção, outros estudos (Nickson et al.,2016; Hayden et al.,2010; Giel et al.,2012; Puhl et al.,2008) também apontam uma maior discriminação contra as mulheres gordas. Inclusive, até mesmo as mulheres com peso na extremidade superior da faixa normal de IMC já são mais prejudicadas, em termos de acessibilidade ao trabalho, do que as mulheres com peso inferior. (Nickson et al.,2016). Um dado que chama a atenção sobre o quanto os padrões estéticos de beleza moldam o olhar social e provocam efeitos graves de exclusão.

Segundo Mariano, Monteiro e Paula(2013), a obesidade acarreta dificuldades no dia a dia da pessoa obesa pelo cansaço, sono, indisposição e isolamento social. Os autores associam a diminuição da agilidade e resistência física ao excesso de peso e à presença de comorbidades, com repercussões na vida dos indivíduos obesos, como o afastamento do trabalho, de outras atividades sociais e de lazer. Todavia, o artigo não problematiza o isolamento e o sentimento de exclusão social por uma abordagem social do estigma, mas como responsabilidade do sujeito que sofre a discriminação, sugerindo a partir daí a cirurgia bariátrica como possibilidade de mudança, e conseqüentemente, melhora. O artigo trouxe apenas uma abordagem biomédica, pela via da medicalização da obesidade (Figueiredo, 2009), como resposta ao estigma social, de acordo com os julgamentos morais(Fischler, 1995) da sociedade sobre o corpo gordo/obeso.

Posto isso, aponto para a importância da construção de novos olhares sobre os corpos gordos, sobretudo das mulheres, para além do peso do estigma e da patologização.

Reconhecer o crescimento da obesidade no mundo como fenômeno social é incluir, justamente, a multiplicidade e complexidade que fazem parte do nosso mundo e, a partir daí, enxergar a obesidade por um olhar não culpabilizador, ampliando responsabilidades para diferentes campos e saberes a fim de problematizar nossos modos de vida contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo traz o corpo como produto social, cultural e histórico, constituído em uma lógica de trabalho que estabelece um padrão imposto para servir e consumir, desenhado segundo interesses de homens, para homens e pelos homens (Foucault, 1984), inserido na complexa rede de poder.

Sobre as desigualdades nas relações sociais de sexo, o presente trabalho identifica a associação dos problemas de saúde das mulheres ao estigma, provocando isolamento social(possibilidade dos quadros depressivos) e a dificuldade de acesso ao trabalho remunerado. A literatura aponta para diferentes formas do estigma das mulheres obesas, com uma carga ampliada sobre as nutricionistas, devido às exigências/expectativas sociais associadas à esta categoria profissional. A construção de políticas públicas anti-discriminatórias, seja em relação ao estigma de peso ou de sexo, é fundamental para garantia de direitos e acesso à vida digna

Ao considerar o crescimento da obesidade no Brasil, um dado a ser melhor analisado é a diferença importante entre classes sociais. Uma investigação mais ampla em torno do conceito de “consustancialidade”, pela imbricação das categorias gênero-classe-raça, mostra-se necessária. Nem sempre foi assim na História da humanidade, nos períodos de fome, ser gordo era sinal do lugar de privilegiado.

O presente estudo sugere, diante da mulher ainda tão vinculada ao papel social de genitora, esposa, cuidadora e objeto de dominação de homens, um aprofundamento sobre o trabalho de cuidar em associação às mulheres obesas e as correlações entre o crescimento da obesidade e os excessos de trabalho na contemporaneidade(a tensão do “dar de si e não receber”- Orbach, 1978, p.29).

Segundo análise dos estudos (Giel et al., 2012; Felipe, 2004 e Puhl et al., 2008), se faz necessário novas pesquisas para investigação de possíveis efeitos de intervenções propostas como medidas protetivas dos indivíduos obesos em situação de vulnerabilidade em instituições de trabalho, sobretudo as mulheres, diante de práticas discriminatórias com sérias implicações socioeconômicas e psicossociais. Uma indicação importante da literatura é o trabalho de educação dos profissionais de Recursos Humanos sobre a estigmatização do peso e a necessidade de incluir no tratamento clínico da obesidade o estigma do peso e as possíveis estratégias de enfrentamento do estigma ao reconhecerem o quanto as experiências de estigmatização prejudicam o indivíduo obeso.

A construção de políticas públicas em defesa dos direitos de indivíduos com

obesidade devem ser pensadas como parte prioritária na saúde pública e na rede de escolas devido ao abandono relatado por jovens mulheres obesas na literatura, que tão cedo experimentam o padrão de rejeição repetido e aprendido a partir das construções sociais sobre os padrões de corpo ideal.

Este artigo é resultado de um compromisso ético que estabeleci com esta temática, por todas as mulheres que a experienciam em seus próprios corpos, pelo direito aos diferentes modos de existência e pelo acesso à saúde, trabalho, educação e vida digna, impedidas de alcançar tantas vezes pelos inúmeros processos de exclusão social. Assim, trago a perspectiva de um fazer ciência como a arte do se inquietar, buscar, encontrar e trabalhar para transformar.

REFERÊNCIAS

AMSTERDAM, Noortge van; ECK, Dide van. In the flesh: a poetic inquiry into how fat female employees manage weight-related stigma, *Culture and Organization*, 25:4, p. 300-316, 2019.

ARAÚJO, Kênia Lima; PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares; DIEZ-GARCIA, Rosa Wanda. Estigma do nutricionista com obesidade no mundo do trabalho. *Revista de Nutrição*, Campinas, 28(6), p.569-579, nov./dez.2015.

ARAÚJO, Kênia Lima; PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares. Sofrimento e preconceito: trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(9):2787-2796, 2015.

BEZERRA JUNIOR, Benilton Carlos. O normal e o patológico: Uma discussão atual. In A.N. Souza & J. Pitanguy(Orgs.). *Saúde, corpo e sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. (orgs). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, (p.19-41).

CAMPOS, Paul; SAGUY, Abigail; ERNSBERGER, Paul; OLIVER, Eric; GAESSER, Glenn. The epidemiology of overweight and obesity: public health crisis or moral panic? *International Journal of Epidemiology*, Volume 35, Issue 1, Pages 55-60, February 2006.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico: Do social ao vital* -trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. – 4a. Ed.- Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.

DIAS, Patrícia Camacho; HENRIQUES, Patricia; ANJOS, Luiz Antonio dos; BURLANDY, Luciene. Obesidade e políticas públicas: concepções e estratégias adotadas pelo governo brasileiro. *Cadernos Saúde Pública*; 33(7):e00006016, 2017.

FELIPPE, Flávia Maria Lacerda. Obesidade como um problema social: novas demandas profissionais ao Serviço Social. *KATÁLYSIS* v. 7 n. 2, Florianópolis SC 239- 248 jul./dez. 2004.

FIGUEIREDO, Simone Pallone. *Medicalização da obesidade : a epidemia em notícia / Tese (doutorado) - Campinas, SP : [s.n.], 2009. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências*

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: Sant' Anna, Denise Bernuzzi (org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, (p.69-82).

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2*. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1987.

GIEL, K atrinE.; ZIPFEL, Stephan; ALIZADEH, Manuela; SCHÄFFELER, Norbert; ZAHN, C armen; WESSEL, Daniel; HESSE, Friedrich W.; THIEL, Syra; THIEL, Ansgar. Stigmatization of obese individuals by human resource professionals: an experimental study. *BMC Public Health*, 12:525, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HAYDEN, Melissa J.; DIXONA, Maureen E.; DIXONA, John B.; PLAYFAIR, Julie; O'BRIEN, Paul E. Perceived Discrimination and Stigmatisation against Severely Obese Women: Age and Weight Loss Make a Difference. *Obesity Facts* 2010;3:7–14. Pu- blished online: February 11, 2010.

JIMENEZ, Maria Luisa. O corpo gordo feminino como resistência! 2018. (Blog/Facebook). Disponível em: <https://www.todasfridas.com.br/2018/03/03/o-corpo-gordo-feminino-como-resistencia> (Acesso em: 07.06.2021).

KERGOAT, Danièle. As Relações Sociais de Sexo. In: *Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo* (trad. Miriam Nobre). In: Hirata, Helena; Laborie, Françoise.; Le Doaré, Hélène e Senotier, Danièle. (orgs). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009 (p. 67-75)

LAVINAS, Lena; CORDILHA, Ana Carolina; CRUZ, Gabriela Freitas. Assimetrias de gênero no mercado de trabalho no Brasil: rumos da formalização. In: ABREU, Aalice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. (org.) *Gênero e trabalho no Brasil e na França. Perspectivas interseccionais*. Boitempo, 2016, São Paulo, 2016, (p.93-112).

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estru- turalista*. Petrópolis: Vozes, p. 14-36, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARIANO Maria Luiza Lobato; MONTEIRO, Claudia Santos; PAULA, Maria Angela Boccara de. Cirurgia bariátrica: repercussões na vida laboral do obeso. *Rev Gaúcha Enferm.*;34(2):38-45, 2013.

MOVIMENTO CORPO LIVRE. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolivre/> (Acesso em: 07.06.2021)

NEVES, Alden dos Santos; MENDONÇA, André Luís de Oliveira. Alterações na identidade social do obeso: do estigma ao *fat pride*. *Demetra: alimentação, nutrição & saúde*;9,3,p.619631;2014.

NICKSON, Dennis; TIMMING, Andrew ; RE, Daniel; PERRETT, Daniel I. Subtle Increases in BMI within a Healthy Weight Range Still Reduce Womens Employment Chances in the Service Sector. *PLoS ONE* 11(9): e0159659. 2016.

ORBACH, Susie. *Gordura é uma questão feminista – um manual de auxílio para quem come sem parar*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1978.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (WORD HEALHT ORGANIZATION). *Obesity and overweight*, 2021. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight> (Acesso em: 07.06.2021)

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da obesidade*; São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013.

PUHL,R.M.;ANDREYEVA,T.;BROWNELL,K.D. Perceptions of weight discrimination: prevalence and comparison to race and gender discrimination in America. *International Journal of Obesity*. Nature Publishing Group. 32, p.992–1000, 2008.

SANTOS, Aliny; PASQUALI, Rafaela; MARCON, Sônia Silva. Sentimentos e vivências de obesos participantes em grupo de apoio: estudo exploratório. *Online Brazilian Journal of Nursing*; 11(1): p.3-10, 2012.

VIGITEL BRASIL 2019: *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019* [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. – Brasília:Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2019_vigilancia_fatores_risco.pdf (Acesso em: 07.06.2021).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

N

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

P

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

R

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

S

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

T

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

U

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

V

Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições




Atena
Editora
Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora

Ano 2022